



PENSANDO ÁFRICAS
E SUAS DIÁSPORAS
NEABI – UFOP

Pensando Áfricas e suas diásporas

www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/pensandoafricanas

NEABI – UFOP - Mariana/MG

Vol. 01 N. 01 – jan/jun 2015

Anais do III Seminário Pensando Áfricas e suas diásporas - parte 2

A identidade negra e quilombola de crianças e jovens de comunidades de Teófilo Otoni – MG

Eva Aparecida da Silva*

Resumo: O Vale do Mucuri, mesorregião do Estado de Minas Gerais, é composto por dezenove comunidades pré-identificadas remanescentes de quilombo, de acordo com o estudo realizado pelo Centro de Estudos Eloy Ferreira da Silva (CEDEFES), no período de 2003 a 2007. Entre os municípios do Mucuri, nos quais estão localizadas comunidades quilombolas, Teófilo Otoni apresenta quatro delas: quatro rurais (Cama Alta, Imburama, São Julião e Fazenda Pedra Azul) e uma urbana (Palmeiras ou Marquem da Linha (CEDEFES, 2008). Essas comunidades desviam-se do modelo tradicional de quilombo – “reduto de escravos fugitivos” (REIS; GOMES, 2000; RATTZ, 2006) - e se aproximam da idéia contemporânea de grupo étnico, coletivos que se estabeleceram em terras ocupadas e nelas reproduzem seus modos de vida característicos, tomando como referência uma história comum, construída a partir de vivências e valores compartilhados (ARRUTI *apud* SILVA, 2010 ab; ANJOS; SILVA, 2004). Nesse sentido, esta pesquisa, no período de 2008 e 2009, buscou compreender o processo de (re) construção da identidade remanescente de quilombo de crianças, adolescentes e jovens de duas das comunidades quilombolas pertencentes ao município de Teófilo Otoni: Cama Alta e São Julião.

Palavras-Chave: Comunidades quilombolas; Teófilo Otoni; (Re)construção da identidade.

Abstract: The Mucuri Valley, a mesoregion of the State of Minas Gerais, is composed of nineteen pre-identified communities of remaining quilombo, according to the study conducted by the Eloy Ferreira da Silva Center of Studies (CEDEFES) from 2003 to 2007. Between the municipalities of Mucuri, in which quilombola communities are located, Teófilo Otoni presents four of them: four rural (Cama Alta, Imburama, São Julião and Fazenda Pedra Azul) and one urban (Palmeiras or Marquem da Linha (Cedefes, 2008). They deviate from the traditional model of quilombo - "refugees of fugitive slaves" (REIS, GOMES, 2000; RATTZ, 2006) - and approach the contemporary idea of an ethnic group, collectives who settled in occupied lands and reproduce their life characteristics, taking as reference a common history, constructed from shared experiences and values (ARRUTI *apud* SILVA, 2010 ab; ANJOS; SILVA, 2004). In this sense, this research, in the period of 2008 and 2009, sought to understand the process of (re) construction of the remaining quilombo identity of children, adolescents and young people from two of the Quilombola communities belonging to the municipality of Teófilo Otoni: Cama Alta and São Julião.

Keywords: Quilombola communities; Teófilo Otoni; (Re) identity construction.

* UFVJM. E-mail: evasilva5@hotmail.com

Introdução

O Vale do Mucuri, mesorregião do Estado de Minas Gerais, é composto por dezenove comunidades pré-identificadas remanescentes de quilombo, de acordo com o estudo realizado pelo Centro de Estudos Eloy Ferreira da Silva (CEDEFES), no período de 2003 a 2007. Entre os municípios do Mucuri, nos quais estão localizadas comunidades quilombolas, Teófilo Otoni apresenta quatro delas: quatro rurais (Cama Alta, Imburama, São Julião e Fazenda Pedra Azul) e uma urbana (Palmeiras ou Marquem da Linha (CEDEFES, 2008).

No entanto, em pesquisa realizada por Silva *et al* (2010) constatou-se que os Imburamas representam um dos quatro (4) núcleos familiares que compõem a comunidade quilombola Córrego Novo, situada no distrito de Topázio, e a Pedra Azul é um dos pequenos núcleos de povoamento, denominado Sítio Pedra Azul, pertencente à comunidade Marques I, localizada no município de Carlos Chagas. Logo, o município de Teófilo Otoni possui três comunidades rurais negras (Cama Alta, Córrego Novo e São Julião) e um “quilombo urbano” (Palmeiras ou Margem da Linha).

Essas comunidades desviam-se do modelo tradicional de quilombo – “reduto de escravos fugitivos” (REIS; GOMES, 2000; RATTZ, 2006) - e se aproximam da ideia contemporânea de grupo étnico, coletivos que se estabeleceram em terras ocupadas e nelas reproduzem seus modos de vida característicos, tomando como referência uma história comum, construída a partir de vivências e valores compartilhados (ARRUTI *apud* SILVA, 2010 ab; ANJOS; SILVA, 2004).

A formação de comunidades quilombolas em Minas Gerais aconteceu após a abolição da escravidão. Muitas famílias negras migraram para grotões, terras desabitadas ou margens de fazendas, poucas receberam terras doadas de seus antigos senhores ou compraram pequenas terras nas fazendas onde trabalhavam, e se fixaram em áreas rurais de difícil acesso (CEDEFES, 2008).

Para Ribeiro (*apud* SILVA, 2010 ab), a formação de remanescentes de quilombo no Vale do Mucuri tem início no final do século XIX com o movimento migratório e povoador do alto Jequitinhonha para o baixo Jequitinhonha e Mucuri. Nesse momento se intensifica o processo de posse ou compra de terras, que poucas vezes envolvia dinheiro, mas trocas por mantimentos e bens diversos. Os principais motivos que levaram à migração são o esgotamento das lavras de ouro e diamante e das lavouras, bem como as duas grandes secas ocorridas nos anos 1890 e 1930. Em sua maioria, migravam “os jovens e os libertos do

[74/88]

cativeiro procurando terras sem donos, levando consigo apenas machado, isqueiro, coragem e necessidade”.

No caso de São Julião e Cama Alta, a apropriação inicial da terra se deu por posse, e de Córrego Novo, pelo o que tudo indica, por compra. Nelas, o processo de construção da identidade remanescente de quilombo ocorre num tempo e espaço próprios. No entanto, suas experiências se cruzam, em particular as da São Julião e Cama Alta, próximas geograficamente e, ambas, referenciadas pela comunidade Marques ao viver o pleito de titulação de suas terras, quando ameaçada pela instalação da PCH-Mucuri.

O Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, da Constituição Federal de 1998, que, no seu Art. 68, dispõe: “Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos” (BRASIL, 1988), também é motivador desse processo de construção da identidade quilombola nessas comunidades.

É neste sentido que a pesquisa realizada, em caráter exploratório, no período de 2008 e 2009, buscou compreender o processo de (re) construção da identidade remanescente de quilombo de crianças, adolescentes e jovens de duas das comunidades quilombolas pertencentes ao município de Teófilo Otoni: Cama Alta e São Julião.

1 O percurso metodológico da pesquisa

Para o desenvolvimento da pesquisa que buscou compreender o processo de formação da identidade remanescente de quilombo de crianças, adolescentes, a partir do *estudo de caso*¹ das comunidades Cama Alta e São Julião, tomou-se como etapas constantes o levantamento e as leituras bibliográficas acerca da realidade que envolve as comunidades remanescentes de quilombo existentes no território nacional e, em particular, em Minas Gerais.

A pesquisa de campo foi facilitada pelos momentos iniciais de contato e aproximação, realizados através de visitas periódicas a estas comunidades, permitindo conhecê-las em seu cotidiano, ao mesmo tempo em que os dados específicos à pesquisa foram coletados.

¹ “Estudo aprofundado de poucos objetos, de maneira a permitir seu conhecimento amplo e detalhado” (GIL, 2000, p.58)

Em cada comunidade foram realizadas entrevistas com adolescentes e jovens, 5 homens e 5 mulheres, pertencentes a faixa etária de 12 a 20 anos, na tentativa de responder às seguintes questões:

a) O que entendem/conhecem sobre remanescentes de quilombo? Já ouviram falar ou leram a respeito?

b) Julgam ser membro de uma comunidade remanescente de quilombo?

c) O que significa ser remanescente de quilombo?

As entrevistas foram, portanto, orientadas por um roteiro previamente elaborado, tendo como referência a metodologia da história oral² e a técnica dos relatos orais³. Uma vez concluídas as entrevistas, foram feitas as transcrições das mesmas, e, em seguida, a organização dos dados, destacando as diferentes representações ou interpretações dos jovens sobre os temas propostos para reflexão (questões a, b e c), observando seus pontos convergentes e divergentes.

Tendo em vista que os demais sujeitos eram crianças, com idade de 7 a 11 anos, buscou-se apreender as suas representações sobre as relações raciais entre negros e brancos, a comunidade e o quilombo, utilizando-se da técnica dos desenhos. Alguns estudiosos (GUSMÃO, 1999; GOBBI, 2002) defendem os desenhos como um instrumento de pesquisa muito importante, já que “ao ser conjugado com a oralidade, veicula informações sobre como esses meninos e meninas estão concebendo o contexto histórico e social no qual estão inseridos” (GOBBI, 2002, p. 80).

Após a aplicação dos desenhos deu-se início à análise dos mesmos. Por fim, chegou-se à sistematização dos dados⁴ (entrevistas e desenhos), resultando neste trabalho, a ser revisitado no projeto “Jovens quilombolas e seus projetos de vida”, em desenvolvimento com financiamento da FAPEMIG, no período de 2012 a 2014.

² Método que procura apreender os processos, acontecimentos e relações sociais, a partir da perspectiva dos agentes neles envolvidos. Ou seja, enquanto método qualitativo de coleta e análise dos dados, a história oral concede centralidade ao que os agentes sociais expressam. O que faz com estes elementos sejam fundamentais para a reconstrução, compreensão e explicação de processos sócio-históricos (SILVA, 1999).

³ Nos relatos orais, o informante relata suas experiências de vida, a partir do recorte estabelecido pelo pesquisador para quais experiências deseja investigar. É por isso que o pesquisador pode interferir na narrativa a qualquer momento, mediante a necessidade de trazer o informante ao assunto que se quer tratar. As entrevistas podem se esgotar num só encontro e os depoimentos podem ser mais curtos, residindo aqui uma de suas principais diferenças com relação às histórias de vida (QUEIROZ, 1988 *apud* SILVA, 2008).

⁴ Tanto os jovens quanto as crianças que contribuíram com esta pesquisa tiveram suas identidades preservadas, por terem direito de permanecerem no anonimato: portanto, não foram identificados pelos nomes nas referentes entrevistas e/ou desenhos, utilizando-se das letras do alfabeto para as suas identificações.

2 Um *Estudo de Caso* nas comunidades remanescentes de quilombo no Vale do Mucuri

A breve descrição das duas comunidades pesquisadas (Cama Alta e São Julião) decorre da pesquisa “Comunidades remanescentes de quilombo do Vale do Mucuri: conhecer para transformar”, realizada no período de 2008 a 2010 (SILVA *et al*, 2010).

2.1 Cama Alta

Cama Alta fica a 45 km do município de Teófilo Otoni, exatamente em um de seus distritos - Brejão. De acordo com o relato dos mais velhos (Miguelina, Horário, Joana, Sebastiana), o primeiro a chegar no lugar, no início do século XX, foi Miguel, também conhecido como “velho capixaba”, que “comprou o pedaço de terra nas mãos de outro”, sem, contudo, se valer de um documento de compra e propriedade da terra.

Em seguida, por volta do ano de 1915, vieram da região de Salinas (norte de Minas Gerais), “fugidos da seca”, Manoel Pereira de Sá e seu filho Júlio Pereira de Sá, como contou Horácio Pereira Barbosa (Pereira por parte do pai e Barbosa da mãe), neto do primeiro e filho do segundo. De acordo com ele, ao chegarem à região, Manoel e Júlio adentraram na mata, “abriram posse” e construíram suas casas.

Os moradores contam que o nome dado à comunidade Cama Alta se deve à expressiva presença de onças no que era o “roçado” daquela época, o que fazia com que as “camas” se encontrassem no alto.

Essa comunidade conta com 113 habitantes, 58 do sexo feminino e 55 do sexo masculino, 35 famílias e a seguinte distribuição etária de 0 a 29 anos:

Faixa etária	Crianças	Adolescentes	Jovens
0 a 11 anos	21		
12 a 14 anos		12	
15 a 29 anos			28

Como na comunidade não há escolas do Ensino Fundamental nem do Ensino Médio, as crianças que cursam de 1^a a 4^a série transitam todas as manhãs com a condução municipal

para a escola mais próxima, assim com os adolescentes e jovens do ensino fundamental e médio a frequentam, no período vespertino.

Notou-se que os jovens pouco possuem o hábito do trabalho nas roças ou em fazendas vizinhas para auxiliar as famílias, “como era de costume antigamente”, segundo relatos dos moradores. Hoje, esses jovens são incentivados pelos pais a estudarem, no entanto acabam ociosos durante os horários que se encontram na comunidade, sem perspectiva de continuidade dos estudos em cursos extra-escolares (computação e preparatórios técnicos, por exemplo) ou na universidade. A maioria dos jovens que termina o ensino médio busca pelo primeiro emprego em cidades vizinhas, como é o caso de Teófilo Otoni, o que não se mostra fácil. Entre as jovens, muitas se empregam como domésticas nas casas das famílias do centro urbano.

Cabe mencionar que a escola, frequentada por crianças e jovens da comunidade, realizou algumas atividades relacionadas à cultura negra ou a alguns traços dela, tomando como referência a Comunidade de São Julião e sua Folia de Reis. Por haver o reconhecimento da existência de comunidades remanescentes de quilombo na região, não foi observado, porém, nenhum trabalho de continuidade que abordasse o ensino da História e Cultura da África e afro-brasileira, tal como preconizado pela Lei 10.639/2003. Tampouco foram desenvolvidas atividades aprofundadas que considerassem como matéria-prima os saberes e práticas que já trazem as crianças, adolescentes e jovens “quilombolas”.

O uso do território caracteriza a comunidade em seu diferencial etnicorracial, no entanto muitas de suas expressões culturais estão esquecidas, principalmente aquelas relacionadas às festividades.

2.2 São Julião

Também conhecida como Lavra dos Pretos, devido à concentração de minérios na região, está situada a 83 km de Teófilo Otoni, próxima ao distrito de Maravilha. Segundo “Mãe Augusta”, matriarca da comunidade, os primeiros moradores vieram de um lugarejo próximo à cidade de Jequitinhonha - ao que tudo indica Felisburgo. Essa cidade não seria, entretanto, o local de origem desse processo migratório, mas sim alguma outra do estado da Bahia.

A formação da São Julião também está ligada à fuga das famílias da Guerra do Paraguai (1864-1870), pois se acreditava que os jovens seriam recrutados para compor a

[78/88]

frente de batalha, e estes buscavam por melhores condições de vida e um lugar para fixar residência. Os descendentes dos fundadores, em particular “os Pereiras”, ocupam o território que teve origem há quase 150 anos (SILVA, 2008). Somados aos “Pereiras” encontramos outros núcleos familiares - Paraguai, Vaz, Leão e Nogueira – e muitos deles têm uma relação de parentesco uns com os outros, fazendo da São Julião uma grande parentela.

São Julião possui 259 habitantes, 125 mulheres e 134 homens, 62 famílias e a seguinte distribuição por faixas etárias de 0 a 29 anos:

Faixa etária	Crianças	Adolescentes	Jovens
0 a 11 anos	50		
12 a 14 anos		22	
15 a 29 anos			68

Nela há uma escola de 1ª a 4ª série e a professora reside nas proximidades da comunidade, mas não pertence às principais famílias que a compõem. Contudo, o viver próximo à realidade desta comunidade parece não influenciar no seu trabalho docente, pois não há registro de projetos que abordam a dimensão étnico-racial da comunidade, tampouco a Lei 10639/2003.

Não há escolas de Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série e de Ensino Médio na comunidade, portanto, na parte da tarde, através de uma condução do município, os adolescentes e jovens se deslocam para a escola mais próxima.

A matriarca da São Julião, “Mãe Augusta”, bem como seu núcleo familiar, busca difundir as cantigas que resgatam a história da cultura afro-brasileira, de forma a demarcar a identidade negra e remanescente de quilombo dentro e fora da comunidade. Há o registro em CD das cantigas locais, além de ser realizada todos os anos, em janeiro, a Folia-de-Reis.

3. Ser Remanescente de Quilombo para os adolescentes e jovens das Comunidades de Cama Alta e São Julião.

Adolescentes e jovens na faixa etária de 12 a 29 anos, ao serem questionados sobre o ser remanescente de quilombo, a partir do que ouviram falar ou leram a respeito, inicialmente demonstraram um acanhamento e certo desconhecimento do assunto.

Na medida em que as perguntas eram estendidas aos entrevistados, algumas tímidas respostas foram sendo expostas, pois todos assumiram já ter algum conhecimento acerca do debate que envolve as comunidades remanescentes de quilombo. Os primeiros a esboçar uma resposta foram os da São Julião, por tomarem como referência outras duas comunidades da região - Marques I e II.

Uma interpretação recorrente foi aquela que associa o ser remanescente de quilombo ao ser portador de traços culturais específicos (religiosos, festivos, dentre outros), transmitidos de geração para geração; ao ser descendente de escravos; ao ser negro ou pertencente a uma comunidade majoritariamente negra.

É importante mencionar que a associação entre “ser quilombola” e ser portador de traços culturais específicos parece ser resultado de um processo de educação que vem de fora para dentro da comunidade. Torna-se comum a circulação de discursos que, embasados na legislação que traz as características que definem uma comunidade negra como remanescente, informam a essa e a outras comunidades sobre os benefícios possíveis em termos de direitos ao se reconhecerem remanescentes de quilombo. Esses direitos são assegurados, justamente, pela história e cultura específicas a esses grupos.

Na comunidade Cama Alta, em específico, segundo alguns relatos dos entrevistados, além de reuniões realizadas para esclarecimento do “ser quilombola”, a temática também foi abordada na escola em que os jovens da comunidade estudam, no projeto “Tarde Cultural”. Nesse projeto, buscou-se dar destaque às culturas formadoras da nação brasileira (negra, indígena e europeia), a partir do patrimônio histórico e cultural local. A comunidade São Julião, próxima a alguns quilômetros da Cama Alta e foi “eleita” como representante da “cultura negra” local e associada ao “ser quilombola”. Uma turma de alunos, acompanhados por professores da escola, realizou uma visita a São Julião e lá puderam ter contato com o modo de vida da comunidade e com a sua cultura, em particular com a Folia de Reis.

No decorrer da entrevista, os jovens também foram questionados sobre se considerarem ou não membros de uma comunidade remanescente de quilombo. Como todos responderam que sim, logo foram indagados sobre o que significa ser remanescente de quilombo e, mais uma vez, destacaram o ser portador de expressões culturais próprias e o

pertencer/morar numa comunidade majoritariamente negra, constituída ao longo de sucessivas gerações.

Alguns jovens destacaram a dificuldade em ser negro, rural e remanescente de quilombo no Brasil, na sociedade envolvente e, no caso de se assumir “quilombola”, dentro de suas próprias comunidades.

No processo de construção de uma “identidade remanescente de quilombo”, em curso nessas comunidades, há certa dificuldade para muitos de seus integrantes em se auto-afirmarem como tais, pois ser remanescente de quilombo significa: voltar a uma história do passado que se quer esquecer – a escravidão; a condição de escravo rebelde e refugiado nos quilombos, pejorativamente vistos como redutos de negros escravos fugitivos; impulsionar mudanças e conflitos frente à regularização de suas terras que, ainda não tituladas, passariam a ser um bem comum, muitas vezes a contragosto dos próprios membros das comunidades e até mesmo de muitos fazendeiros.

Por outro lado, a apropriação de uma “identidade quilombola” tem estimulado a valorização de uma “identidade negra” no interior das comunidades, assim como sua visibilização em suas diferenças e potencialidades junto à sociedade envolvente, principalmente através de algumas de suas expressões culturais.

Observa-se atualmente na região uma circulação constante de informações sobre o ser remanescente de quilombo, e, muitas vezes, essas informações circulam de uma comunidade para outra. O contato com experiências de busca por reconhecimento e titulação de terras frente à ameaça da construção de barragens ou de acesso a alguns benefícios sociais por conta de “ser quilombola” faz com que esta temática se faça presente em comunidades como a São Julião, influenciada pelas experiências da comunidade Marques (Carlos Chagas/MG) e a Cama Alta pela São Julião.

3.2 Os desenhos como forma de apreensão das interpretações das crianças das comunidades de Cama Alta e São Julião acerca da comunidade, do quilombo e das relações raciais.

Os desenhos elaborados pelas crianças, na faixa etária de 7 a 11 anos, foram analisados permitindo uma interpretação das representações infantis frente a três temas propostos:

- a) A Comunidade

- b) O Quilombo
- c) A relação entre o negro e o branco.

Da análise dos desenhos chegou-se a aspectos comuns e a outros não muito frequentes, que merecem serem destacados aqui.

Nos desenhos que retratam as comunidades (Cama Alta e São Julião), as crianças, em sua maioria, as representaram a partir da conformação circular ou dispersa, ainda que próximas, de suas casas.

A composição familiar foi representada não só pela presença do núcleo familiar (pai, mãe, irmão), mas também por sua grande parentela - avós, tios, tias padrinhos, madrinhas, demonstrando haver uma forte relação de parentesco entre todos os moradores da comunidade.

Um outro aspecto muito frequente na maioria dos desenhos foi a representação da natureza - plantas, rios, animais, etc., demonstrando a estreita relação entre natureza e comunidade.



As crianças também desenharam a comunidade em seu cotidiano, a relação do homem com a terra, através do trabalho, da produção realizada, além de alguns espaços de socialização e de sociabilidade significativos para elas, como a casa, a igreja e a escola.



Entre os desenhos que retratam a comunidade Cama Alta e a São Julião, em particular os sujeitos que as compõem, evidenciou-se alguns aspectos divergentes: as crianças da Cama Alta representam os membros da comunidade ou o próprio auto-retrato utilizando-se das cores rosa, azul, lilás, roxo, dentre outras, sem nenhuma menção à cor da pele dos sujeitos; as crianças da São Julião, ao contrário, fazem referência à cor de pele, utilizando-se de cores como preto ou marrom, o que aponta para a possível afirmação de uma “identidade negra”, estimulada por adultos significativos no interior do próprio grupo.

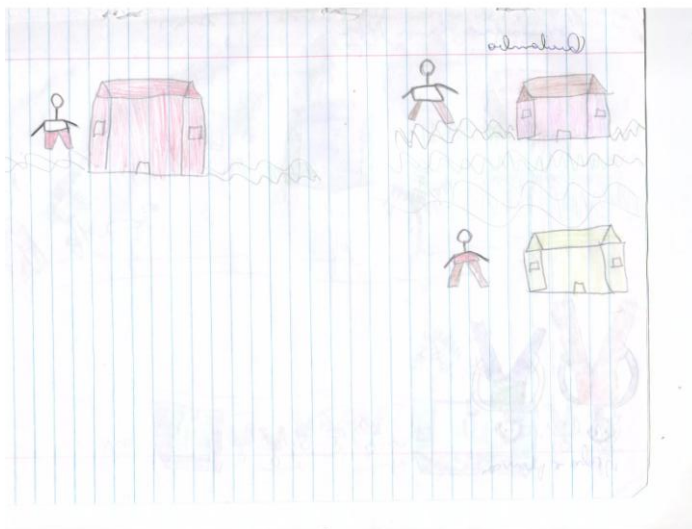
Os desenhos que retratam o tema quilombo não foram apresentados por todas as crianças, pelo fato de muitas desconhecerem o significado do mesmo.

Na maioria das representações sobre o quilombo, em especial entre as crianças da comunidade Cama Alta, ele aparece não como um espaço que representa luta, resistência, rompimento com o sistema escravocrata e constituição de uma nova vida em comunidade, voltada para a subsistência, o bem comum e a livre manifestação de suas tradições culturais, mas como “reduto de escravos”, os quais ainda não romperam com a condição de escravizados, pois aparecem acorrentados e submetidos ao chicote do senhor ou feitor.

É importante destacar que neste tipo de representação do quilombo, os sujeitos – escravos ou senhores/feitores foram retratados com menção à cor da pele preta ou marrom de uns em oposição à pele branca dos outros.



Por outro lado, em alguns, poucos, desenhos, o quilombo é ilustrado como um espaço em que vive um grupo de pessoas, com suas casas próprias.



No último tema proposto para os desenhos, a relação entre o negro e o branco, a maioria das crianças representa uma relação aparentemente harmoniosa, perceptível nas ilustrações em que sujeitos brancos e negros, bem definidos quanto à cor de suas peles, aparecem de mãos dadas, abraçados, brincando ou passeando.



Curiosa é a representação de uma menina, de 11 anos, que retrata um casal inter-racial – sua tia (branca) e seu tio (negro), demonstrando não só a aparente harmonia desta relação, mas a incidência da ideologia da democracia racial, amplamente difundida na sociedade brasileira, que, através da ideia de país miscigenado, ratifica o mito das três “raças” fundadoras (portuguesa/branca, africana/negra e indígena) e do convívio harmônico entre elas.

4 Considerações finais

Este trabalho procurou compreender o processo de (re) construção da identidade remanescente de quilombo de crianças e adolescentes de duas comunidades do Vale do Mucuri - Cama Alta e São Julião -, tomando como referência o processo educativo desenvolvido no interior dessas comunidades e nas escolas por eles frequentadas.

A compreensão deste processo se deu, primeiramente, a partir de estudos bibliográficos acerca das diferentes definições atribuídas à ideia de *quilombo* ao longo da história, até chegar à recente conotação (desde os anos 80) - *remanescente de quilombo*; da situação dos remanescentes em todo o território nacional (reconhecimento, legislação, problemáticas comuns), em Minas Gerais e, em particular, no Vale do Mucuri.

Para alcançar os objetivos da pesquisa foram realizadas visitas periódicas às comunidades, entrevistas com os jovens na faixa etária de 12 a 29 anos e a aplicação de desenhos junto às crianças de 06 a 11 anos, como forma de apreender suas representações acerca do ser remanescente de quilombo e de ser negro.

No trabalho realizado com os jovens pode-se observar que está se esboçando a construção de um conhecimento acerca do ser remanescente de quilombo, a partir da história e da cultura de cada comunidade e das experiências de busca por reconhecimento e titulação de terras vividas por outras comunidades.

Na comunidade São Julião, há a tentativa de fortalecimento de uma “identidade negra e quilombola”, especialmente por meio da família nuclear da comunidade. Na Comunidade Cama Alta, por sua vez, existe uma predisposição quanto ao reconhecimento do ser remanescente de quilombo, estimulada, principalmente, por um trabalho de conscientização que vem da São Julião. Observou-se, entre os jovens da Cama Alta, o interesse em compreender a ligação desta conscientização com a possibilidade de obtenção de direitos.

No contato com os jovens e adultos destas comunidades verificou-se a existência de diferentes níveis de conscientização no que diz respeito à “identidade remanescente de quilombo”. Em nenhuma destas comunidades existe um conhecimento e envolvimento homogêneos acerca desta “identidade”, embora a São Julião demonstre estar mais atualizada a respeito dos debates referentes ao “ser quilombola”.

Nos desenhos aplicados junto às crianças das comunidades, como forma de apreensão de suas representações acerca da comunidade, do quilombo e das relações entre brancos e negros, não foi possível constatar o processo de construção da “identidade remanescente de quilombo”, mas, no caso das crianças da São Julião, da “identidade negra”. Essa identidade tem sido estimulada pela própria comunidade ou por alguns adultos significativos e valorizada a partir de sua história e cultura específicas. A menção à cor da pele preta ou marrom dos sujeitos retratos pelas crianças da São Julião e a não menção pelas crianças da Cama Alta é ilustrativa da ênfase a uma “identidade negra” numa e não na outra.

Por outro lado, no contato com as instituições escolares frequentadas pelas crianças e jovens destas comunidades, notou-se a carência de trabalhos/projetos educativos que tomem como matéria-prima sua dimensão étnico-racial (embora reconheçam a existência de comunidades negras rurais na região), bem como de trabalhos/projetos que abordem a história e cultura da África e Afro-brasileira, tal como define a Lei 10639/2003.

Nem mesmo na comunidade São Julião, em que há uma escola de 1ª a 4ª série, foram registrados projetos que abordassem a dimensão étnico-racial dos alunos e da própria comunidade. Resistência ou despreparo, as instituições escolares e seus docentes pouco desenvolvem atividades críticas e aprofundadas que levem em consideração os saberes e

[86/88]

práticas que já trazem as crianças e os adolescentes das comunidades negras rurais. Daí a necessidade de formação de professores não apenas para a aquisição de conhecimento acerca da história e cultura da África e afro-brasileira, mas também para a reeducação de posturas e mentalidades racistas que anulam as diferenças em suas potencialidades.

Referências Bibliográficas

ANJOS, José Carlos Gomes; SILVA, Sergio Baptista (orgs.). *São Miguel e Rincão dos Martimianos: ancestralidade negra e diretos territoriais*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004.

BRASIL. *Constituição: República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO ELOY FERREIRA DA SILVA – CEDEFES. *Comunidades quilombolas de Minas Gerais no século XXI: história e resistência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
GOBBI, Márcia. “Desenho infantil e oralidade: instrumento para pesquisas com crianças pequenas”. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias. (Orgs.). *Por Uma Cultura da Infância: metodologia e pesquisa com crianças*. São Paulo: Autores Associados, 2002, p.69-92.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Linguagem, Cultura e Alteridade: imagens do outro. *Cadernos de Pesquisa*, n. 107, p.41-78, junho/1999.

OLIVEIRA, Iolanda. *Desigualdades raciais: construção da infância e da juventude*. Niterói: Intertexto, 1999.

RATTS, Alecsandro J. P. “A voz que vem do interior: intelectualidade negra e quilombo”. In: BARBOSA, Lucia M^a de Assunção et al (orgs.). *De preto a afro-descendente: trajetos de pesquisa sobre o negro...* São Paulo: Edufscar, 2004.

_____. “(Re) Conhecer quilombos no território brasileiro: estudos e mobilização.” In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). *Liberdade por um fio: história dos quilombos do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, Eva Aparecida da. *Professora negra e prática docente sobre a questão étnico-racial: a “visão” de ex-alunos*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2008.

_____. et al. *Comunidades remanescentes de quilombo do Vale do Mucuri: conhecer para transformar*. Relatório Técnico, FAPEMIG, 2010.

[87/88]

_____. “Ser remanescente de quilombo em comunidades do Vale do Mucuri: reflexões preliminares de pesquisa”. Dossiê “Desafios Contemporâneos às Comunidades Remanescentes de Quilombo”. São Leopoldo/RS. *Revista Identidade*, vol.15, n.1, 2010a, p.23-32.

_____.; PALMAELA, Thayse Nogueira. Comunidades remanescentes de quilombo do Vale do Mucuri e seu perfil educacional. *In: SILVA, Eva Aparecida da. (org.). Leituras em Educação 4*. 1ª edição - Vila Velha, ES:Opção Editora, 2010b. 82 p. v. 4.